

O TEMA CENTRAL DA TEOLOGIA PAULINA E A DIALÉTICA: A TENSÃO DO NEGATIVO COM O POSITIVO COMO OPÇÃO METODOLÓGICA

Patrick Ferreira¹

RESUMO

Por muitos anos, considerou-se a justificação pela fé como o tema central da teologia paulina tanto em Romanos como nas demais cartas. Essa posição tem sido contestada, entretanto, em discussões recentes. Este segundo artigo de uma série de três apresenta a tensão do negativo com o positivo como opção metodológica e dialética do apóstolo.

PALAVRAS-CHAVE: Romanos; Justificação pela fé; Participação em Cristo; Dialética.

ABSTRACT

For many years righteousness by faith was considered Paul's central theme as well as the *raison d'être* of Romans and his other epistles. This view has received increasing opposition, however, in recent debates. This second article -- in a series of three -- presents the tension between the negative and the positive as Paul's methodological and dialectical option.

KEYWORDS: Romans; Righteousness by faith; Participation in Christ; Dialectics.

INTRODUÇÃO

Um resumo da teologia paulina deve ter em conta o estilo que Paulo utilizava para apresentar seus ensinamentos. Ao se identificar a complexidade dos temas e da estrutura da teologia paulina, e tentar unificá-la em um núcleo comum, tem que se reconhecer que o apóstolo era um missionário (MARSHALL, 2007, p. 367; MANSON, 1975, p. 14; VIDAL, 1996, p. 370). Sendo assim, seu objetivo em escrever cartas e epístolas às igrejas recém fundadas era exortar à prática dos fundamentos da fé cristã, combater os opositores e proclamar a unidade de seu evangelho. Paulo

¹ Patrick Ferreira é bacharel em teologia pelo SALT-IAENE e graduado em pedagogia pelas Faculdades Adventistas da Bahia. Atualmente trabalha como coordenador de capelania escolar na Associação Paulista Leste da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Agradecimentos ao Dr. Milton L. Torres, do Centro Universitário Adventista de São Paulo, por ter lido o manuscrito e ter feito valiosas sugestões para sua melhoria.

era principalmente um pregador e mestre. É, por isso, que a solução para a tensão entre seus principais temas pode estar na compreensão do método estabelecido por ele para a apresentação de seu pensamento.

Borg (2001, p. 245-263) sugere que o conflito entre o tema da justificação pela fé e o da participação em Cristo, pode ser explicado como resultado do método dialético utilizado por Paulo para apresentar seus pensamentos de forma metafórica. Antes de Paulo, a dialética fora utilizada no Talmud, com a intenção de argumentar de forma dinâmica (AVERY-PECK; GREEN; NEUSNER, 2000, v. 5, p. 2101). Como criador da mais desenvolvida teologia do Novo Testamento (MULLER, 1991, p. 82), Paulo usou a dialética para tentar racionalizar suas ideias, a fim de promover o evangelho de uma forma clara e empolgante. A palavra “dialética” recebeu acepções tão diversas que apenas pode ser utilmente utilizada se indicamos, com precisão, em que sentido é entendida. Compete, como disse Quintanilla (1996, p. 68), desconfiar, mesmo sob essa reserva, das associações impróprias que corre o risco de provocar. Paulo é um “pensador dialético” (BORG, 2001, p. 246), no sentido clássico de que ele pensava em contrastes ou em opostos. Ele utiliza diversos paralelos para expor seus argumentos, sempre que possível, de forma retórica, de modo a persuadir e convencer o interlocutor.

Ao analisar seus escritos, não é difícil notar certa tensão entre os temas. O centro da dialética paulina está movido da tensão tradicional entre o Antigo e o Novo Testamento, entre a lei como tradicionalmente era compreendida e o Evangelho visto como uma abstração (JEWETT, 1983, p. 111), dentre outras. Até mesmo em sua forma de argumentar, é nítida a tensão que cria, para que seus leitores permaneçam atentos aos seus ensinamentos. A partir dessa compreensão, se faz necessária uma análise de seus temas contrastantes e que aparentam oposição.

A metodologia utilizada para apresentar as sentenças seguintes pretende provar que, “através do reconhecimento da diversidade... podemos

reconhecer a existência de uma unidade fundamental” (MARSHALL, 2007, p. 605). É universalmente aceito que o livro de Romanos se esboça facilmente por sentenças de oposições negativas e positivas. Sendo assim, renunciando deliberadamente a uma análise exaustiva, chama-se a atenção para as tensões macroscópicas que saltam facilmente aos olhos do leitor mais atento, o frequente uso de Paulo das antíteses.

A TENSÃO DO NEGATIVO COM O POSITIVO

De acordo com Barbaglio (1989, p. 44), o pensamento de Paulo fica bem caracterizado, no sentido de que sua teologia se sustenta sobre a contraposição de pólos: morte-vida ou morte-ressurreição (Rm 5-6 e 8); lei mosaica-fé (ou graça) (Rm 3:21-4:25); carne-espírito (Rm 8); perdição-salvação (Rm 4-5); desobediência-obediência (Rm 5:19; 11:30-32); pecado-justiça (ou graça) (Rm 5:19); ira divina-justiça de Deus (Rm 1:18; 3:31); escravidão-liberdade (ou adoção) (Rm 8:14-17); primeiro Adão-segundo Adão (Rm 5:12-21); trevas-luz e noite-dia (Rm 13:11-14); velho-novo (Rm 7:6); inimizade-paz (Rm 5:1-11); um-todos (Rm 5:12-21); letra-espírito (Rm 7:6).

Até mesmo de outro âmbito, nota-se uma divisão mais ampla da epístola em contrastes dialéticos. Carrez e Dornier (1987, p. 159-167), baseando-se na Traduction Œcumenique de la Bible (TOB), em língua francesa, apontam a articulação de um plano de estudo, dividindo a carta em partes distintas: capítulo 1-11 e 12-15, sendo essa última parte chamada de moral, parenética ou ética, mas é o detalhamento dos primeiros onze capítulos que será empreendido no presente artigo. Na primeira parte, segundo eles (1987, p. 159), Paulo não segue um percurso linear, “marcado por etapas sucessivas”: pecado, justificação, salvação, encerramento escatológico. Em vez disso, Paulo repete, em quatro exposições sucessivas, um tema único.

A CATEGORIA JURÍDICA

Em uma formulação dialética, a epístola é sistematizada e dividida por seções de passagens de uma situação calamitosa (negativa), a uma situação de salvação (positiva). De acordo com Carrez e Dornier (1987, p. 159), a primeira parte da epístola é expressa em quatro categorias diferentes, considerando um único tema: “miséria” e “salvação”, a primeira das quais se situa em Rm 1:18-5:11. Ali, Paulo apresenta o contraste “miséria-salvação” usando a perspectiva e a terminologia jurídica (CARREZ; DORNIER, 1987, p. 159).

PRIMEIRA SEÇÃO NEGATIVA: 1:18-3:20

Os dezessete primeiros versículos de Romanos formam a introdução. Esta é maneira normal pela qual Paulo geralmente inicia suas cartas (HALE, 1989, p. 213). Após as saudações (1:1-7), seguidas por uma oração de graças, demonstrando seu interesse pelos cristãos romanos (1:8-15), Paulo segue declamando os versos mais importantes para a Reforma Protestante (1:16,17) nos quais ele apresenta a justiça de Deus, conforme revelada em suas ações para com o homem pecador.

Nessa seção, Paulo pinta um quadro bastante sombrio da existência sem Cristo. Ele, então, começa a argumentar, insistindo na necessidade universal da justiça de Deus no mundo da humanidade pecadora. Traça os tristes resultados do pecado, a degradação da humanidade e a sua retribuição, a ira de Deus. Declara, sem hesitar, que a humanidade mudou o que ela tinha da revelação divina da “verdade de Deus em mentira” (1:25). Paulo se preocupa especialmente com os incrédulos ou ímpios, que não se comportam segundo o plano de Deus. Por essa razão, Deus os abandonou, para que seguissem suas paixões “infames”. E a evidência desse desvirtuamento encontra-se em sua conduta sexual.

Conforme Pilch (1999, p. 179), o princípio básico que guia o pensamento de Paulo nessa seção, está em 2:11: “em Deus não há parcialidade”. Para que ninguém se sinta especialmente privilegiado,

mesmo aqueles que tiveram uma revelação mais completa, os judeus, não escaparam da condenação, pois não foram capazes de pôr em prática os propósitos de Deus, e estão em estado pior do que os pagãos (2:1-3:20), pois eles não vivem segundo a Torá (2:17-24). Além disso, circuncidam o corpo, mas não o coração (3:1-8). Por isso, Paulo conclui que todos os seres humanos estão sob o poder do pecado (3:9-20).

Nessa seção, Paulo apresenta a “miséria” da humanidade caída, demonstrando claramente a postura de Deus diante dos pecadores e a soberania de sua justiça.

PRIMEIRA SEÇÃO POSITIVA: 3:21-5:11

Os versículos 21-26 de Romanos 3 constituem um bloco firmemente compactado. Cranfield (1992, p. 74) os chama de “o centro e o coração da divisão principal” do livro que atinge a porção Rm 1:16-15:13. Paulo chega agora ao ponto decisivo em que uma seção passa para a outra. Sua expressão “mas agora” inicia uma nova era, na qual Deus intervém de um modo completamente novo. Antes havia revelado sua ira, agora manifesta sua justiça. Parece ser uma referência marcada por três dimensões: uma “lógica” (elaboração do argumento), uma “cronológica” (o momento presente) e outra “escatológica” (chegou um novo tempo) (STOTT, 2000, p. 122; NYGREN, 1969, p. 125). Paulo começa retratando a revelação da justiça de Deus na cruz de Cristo e lançando as bases para o evangelho da justificação (3:21-26). Em seguida, defende a apresentação do seu evangelho contra as críticas dos judeus (3:27-31).

Finalmente, Paulo ilustra o evangelho da justificação pela fé através da vida de Abraão, que foi redimido, tornando-se, dessa forma, o pai espiritual de todos os que crêem (4:1-25). Aquilo que o autor apenas insinuara em 3:21, i.e., o testemunho da Escritura em favor da justiça de Deus revelada no acontecimento de Cristo, ele esclarece no capítulo 4. Em 4:1-6 explica-se primeiramente em que sentido se pode falar da

justiça de Abraão pela fé, segundo a Escritura (KERTELGE, 1982, p. 88).

Após falar da justificação pela fé no exemplo de Davi (4:6-8), seguem, então, os argumentos da validade universal da paternidade de Abraão (4:9-17). No restante do capítulo 4, Paulo mostra que a fé em Cristo, no presente, é a mesma fé de Abraão, sendo essa um modelo, um “tipo”, para os crentes romanos (4:17-25). Depois das primeiras palavras: “tendo sido, pois, justificado pela fé” (5:1), que resumem os versos anteriores (PERROT, 1993, p. 50-51), os versos 6-11 falam da passagem do pecado de ontem para a fé de hoje, da reconciliação adquirida por Cristo.

PRIMEIRO CONJUNTO DE PARALELOS

São facilmente perceptíveis os paralelos que Paulo faz dentro de cada seção. No entanto, percebe-se que existem paralelos maiores entre uma seção e outra. Alguns desses paralelos poderiam ser esboçados como mostra o quadro seguinte:

Seção negativa	Seção positiva
Manifestação da ira de Deus (1:18)	Manifestação da justiça de Deus (3:21)
Deturpação da revelação divina (1:20-25)	Cristo como revelação de Deus (3:22)
Juízo divino (1:26; 2:3-8; 3:4-8)	Redenção divina (3:22-24)
A imparcialidade de Deus na condenação dos gentios e judeus (2:9-11)	A imparcialidade de Deus na justificação de gentios e judeus no exemplo de Abraão e Davi (4:1-19)
Justificação pelas obras (2:25-29; 3:20)	Justificação pela fé (5:1)
Todos estão debaixo do pecado (3:9-19)	Todos estão debaixo da graça (5:2-11)
Inimizade com Deus	Reconciliação com Deus

A CATEGORIA ADÂMICA

A segunda categoria encontra-se em Rm 5:12-6:23. Ali, Paulo apresenta o contraste “miséria-salvação”, considerando a humanidade como corpo cujo destino, de certo modo, está prefigurado e incluído no de seu representante: Adão (CARREZ; DORNIER, 1987, p. 160). Nessa etapa, também encontramos um dos contrastes mais admiráveis, pelo qual, segundo Borg (2001, p. 243), Paulo afronta a vida “em Adão” (sob o domínio do pecado) com a vida “em Cristo” (a nova criação de 2 Co 5:17-18), apresentando a metáfora da morte e ressurreição, por ocasião do batismo, como uma ilustração da transição da vida em Adão para a vida em Cristo, o “novo homem” (BARTH, 1968, p. 164-165).

Bultmann atribui essa antítese à mitologia gnóstica. Conforme sua análise (2004, p. 229), a queda de Adão, que acarretou a morte para a humanidade, é interpretada inteiramente no sentido gnóstico. Segundo ele, a maneira de interpretar, designando duas classes de pessoas distintas, realizando um contraste, não é compreensível a partir do uso linguístico grego, nem a partir do AT, mas somente a partir da antropologia gnóstica. Considerando isso, Bultmann declara ser um fato claro de que os conceitos antropológicos de Paulo são cunhados por influência da gnose (2004, p. 229). Não há dúvidas, segundo ele (2004, p. 312), de que Paulo descreve, nesses versos, sob a influência do mito gnóstico, a maldição que pesa sobre a humanidade adâmica. Por outro lado, ele afirma que não se pode negar que, em Romanos 5:12, o tema central não é a origem do pecado, e sim a origem da morte, mais ainda “a origem da morte somente no sentido negativo de um tema positivo” (BULTMANN, 2004, p. 313).

Contudo, deve-se considerar que toda a Bíblia está repleta de tipologia, inclusive os textos paulinos, que geralmente estão baseados no Antigo Testamento. A tipologia do Antigo Testamento é o próprio berço da linguagem em que a doutrina do Novo Testamento é escrita (HABERSHON, 2003, p. 12-13). Shedd (1995, p. 188), demonstra que o

ensino de Paulo sobre o homem, a salvação e a igreja é mais bem entendido do ponto de vista do antigo conceito hebraico de “personalidade coletiva” que se encontra no Antigo Testamento e nos escritos rabínicos. Paulo aplica conceitos hebraicos da solidariedade da raça ou grupo na esfera das doutrinas básicas antropológicas, soteriológicas e eclesiológicas.

SEGUNDA SEÇÃO NEGATIVA: 5:12-14

Nessa porção de Romanos, Paulo não só desenvolve uma estrutura analógica comparativa (versos 12, 18 e 19), mas também contrastante (versículos 15, 16 e 17) (ERDMAN, 1925, p. 69-70). Em todo esse trecho, o apóstolo se ocupa em mostrar o alcance, para a história humana, da condenação obtida pelo pecado, atribuindo a Adão o caráter representativo da humanidade. Nygren (1969, p. 174) faz dessa passagem o próprio cerne e a parte “mais estranha” da epístola, declarando que toda a problemática de Romanos “está encerrada nesta breve passagem, depositária de pensamentos essenciais”. Além de ser uma das passagens mais difíceis para o povo judeu, pois nela alguns cristãos baseiam a doutrina do pecado original (STERN, 2008, p. 392).

Nesse trecho, o autor não é impelido pelo interesse de explicar a origem ou o surgimento do pecado. Seu alvo, nessa passagem, é, antes de tudo, contrapor a universalidade do pecado vindo ao mundo através de uma só pessoa. A frase introdutória no verso 12, diz inicialmente que o ato pecaminoso de Adão trouxe ao mundo o pecado e, como consequência, o castigo imposto por Deus: a morte. Acrescenta, ainda, que essa consequência do pecado “passou a todos os homens”. Segundo Kümmel (2003, p. 225), Paulo quer dizer que, desde que Adão foi castigado com a morte, todos os homens precisam morrer.

Através do seu ato pecaminoso, Adão trouxe o castigo da morte para todos os homens. A humanidade se achava unificada em Adão, e seu pecado afetou a condição de todos os homens (MEYER, 2002, p. 159).

Não se deve pensar que os homens são imparciais a isso, pois Paulo deixa claro que a morte passou para todos, porque todos são culpados (5:12).

Em vez de terminar a frase do versículo 12, Paulo, no verso 13, faz uma digressão sobre a questão de como poderia existir o pecado antes que a Lei fosse entregue a Moisés. Ainda assim, conforme Paulo, a morte é impensável sem o pecado. Ela deve ser considerada como consequência do domínio do pecado, mesmo quando a ação do homem não era imputada (5:13-14).

Paulo encerra essa seção, na qual ele se concentrou no pecado de Adão e em sua morte, com a mais breve alusão possível à figura correspondente de Cristo: “era tipo daquele que havia de vir” (5:14). Ele irá elaborar essa analogia na próxima seção. Tal como Adão, “Cristo é a cabeça e representante de uma humanidade inteira” (STOTT, 2000, p. 180).

Segunda Seção Positiva: 5:15-6:23

A partir da segunda seção positiva, Paulo começa a traçar uma comparação entre Adão e Cristo, pois ambos, por um simples ato, influenciaram a raça inteira. Contudo, essa comparação não é um simples confronto. Ao compará-los, visa, sobretudo, ressaltar a enorme importância da ação de Cristo. Nesse processo, o apóstolo apresenta os dois pólos: o efeito do pecado de Adão é a morte; o efeito da justiça de Cristo é a vida. Antes de apresentar as similaridades, ele descreve as diferenças exorbitantes que existem entre Adão e Cristo. Assim, conforme Stott (2000, p. 181), a estrutura de cada um dos versos de 15 a 16 incorpora uma afirmação de que a dádiva alcançada por Cristo, ou “não é como” a transgressão de Adão (5:15-17), ou é “muito mais” efetiva do que ela (5:15-17).

O texto apresenta que não há nenhuma comparação entre a dádiva

alcançada por Jesus e a condenação recebida por Adão (versos 15-17), pois o dom gratuito oferecido por Deus sobrepuja, em extremo, o resultado do pecado (BARTLETT, 1995, p. 58). O veredicto da condenação proveniente da transgressão contrasta com o dom gracioso que veio à existência por causa das muitas transgressões. Moody (1994, p. 232-233) organiza três paralelos em 5:15-17: o primeiro paralelo encontra-se no verso 15, no qual estabelece um contraste entre a transgressão, ato de Adão, e o grandioso ato de Deus em Cristo; o segundo paralelo no verso 16, onde reitera o contraste em termos de “condenação” como resultado do ato de Adão e a “justificação” como resultado do ato justo de Deus; e finalmente o terceiro paralelo no verso 17, onde acentua o contraste entre ofensa e graça, morte e vida.

Em Rm 5:20-21, a lei é personificada como força e identificada como causa do pecado e da morte. Mas, mesmo como força, ela foi superada pela graça, que agora reina por meio da justiça, que concede participação na vida por intermédio de Cristo.

No restante da seção, Paulo tenta explicar como Jesus estabelece a nova humanidade libertada do pecado, como se pode romper a solidariedade que liga os homens a Adão e substituí-la por uma solidariedade com Cristo, que leva à justiça e conduz à vida (FABRIS, 2001, p. 525). Anteriormente, o autor de Romanos havia apresentado que a lei não fora dada para promover a justiça entre os filhos de Adão, e agora ele tenta esclarecer qual a sua real função. Sem fazer uma interrupção súbita, Paulo começa a expor algumas considerações sobre como a unidade em Cristo pode ser exercida na prática, pois, para muitos cristãos, inclusive judeus e ex-pagãos que haviam abraçado o cristianismo, a ênfase dada sobre a graça divina como única fonte de salvação era algo novo. Para alguns deles, era como se Paulo estivesse minimizando o valor das obras. O capítulo 6 é uma resposta de Paulo a qualquer distorção ao fantástico contraste entre pecado e graça (HENDRIKSEN, 2001, p. 256).

Nesse trecho de Romanos (6:1-23), existem pequenas subdivisões. Nos versículos 1-14, Paulo realça que seria impossível que os crentes continuassem a viver em pecado, pois os que já morreram para o pecado agora vivem para Deus em Cristo (6:11). Ainda dentro dessa divisão, os versos 5-7 abrangem a morte e ressurreição do cristão e os versos 8-10 relatam sobre a morte e ressurreição de Cristo. Há um interessante paralelo entre as duas coisas. Moody (1994, p. 236) declara que este “é um dos mais perfeitos paralelos da Epístola aos Romanos”. Nos versículos 15-23, o apóstolo, por efeito, tenta levar o leitor a uma decisão entre o senhorio do pecado e o senhorio da graça.

SEGUNDO CONJUNTO DE PARALELOS

Adão era uma figura da velha vida. Cristo é a nova vida. Cada um é cabeça de uma família. A representação de Cristo como o “último Adão”, em contrapartida ao “primeiro Adão”, é traço proeminente da cristologia de Paulo. Romanos 5:12-21 é uma parte importante na formulação da doutrina do pecado original. O que torna esse texto tão difícil de entender, para alguns, é a maneira como Paulo interrompe a comparação em Rm 5:12 e introduz uma série de ressalvas, antes de a retomar em Rm 5:18. É como se notasse que sua comparação não fora justa, pois Cristo é muito superior a Adão. Portanto, ele precisa explicar que a dádiva alcançada pela vida e morte de Cristo supera, em muito, os resultados da transgressão adâmica.

Adão, primeiro homem, foi o cabeça divinamente nomeado da raça inteira. Por isso, seu pecado fez com que todos os homens a quem representava experimentassem a morte espiritual. Cristo veio como o novo cabeça da humanidade, a fim de cumprir um propósito eterno: constituir justos todos os que pecaram. Como o pecado, a justificação também veio por meio de um só homem; portanto, Cristo tornou-se o novo cabeça, pois por meio dele a vida eterna está disponível a todos

os homens. O capítulo 6 apresenta o que Cristo viveu no ministério de sua Páscoa. O cristão vive da mesma maneira essa experiência em seu batismo, “sacramento que é, ao mesmo tempo, inauguração e exigência de existência nova” (CARREZ; DORNIER, 1987, p. 160).

Newell (1994, p. 176) esboça os paralelos dispostos em Romanos 5:12-21 por Paulo que estão incluídos nessa categoria, e que poderiam ser esquematizados como mostra o quadro seguinte:

	Negativo	Positivo
Dois Homens	Adão	Cristo
Dois Atos	Transgressão	Justiça
Duas Atitudes	Desobediência	Obediência
Dois Resultados	Condenação	Justificação
Dois Reis	Pecado	Graça
Duas Dimensões	Morte	Vida

A CATEGORIA LEGAL

Na terceira categoria (7:1-8:39), Paulo apresenta o contraste “miséria-salvação” na perspectiva da passagem do regime da Lei para o do Espírito (CARREZ; DORNIER, 1987, p. 160).

TERCEIRA SEÇÃO NEGATIVA: CAPÍTULO 7

Depois do pecado (1ª seção) e depois da morte (2ª seção), aparece um cúmplice como fator de desgraça no processo condenatório da humanidade: a lei. A lei, no contexto de Romanos 7, possui um sentido negativo porque ela foi promulgada no seio da humanidade pecadora. Como ela apenas indica do exterior o caminho a seguir, sem dar a força interior para atingir o objetivo, o homem chega à conclusão de que ele tem pleno conhecimento do pecado, mas não pode evitá-lo. Assim, a lei se torna acusadora da humanidade.

Ainda que a pergunta retórica do verso 1 assinale o início de

um novo tema, o da lei, deve-se admitir que Paulo completa aqui um desenvolvimento que iniciou em 5:12-21 e seguiu no capítulo 6. Depois de analisar a união com Cristo (capítulo 5) e o resultado da libertação do pecado e da morte (capítulo 6), Paulo acrescenta, em sua discussão, uma explicação de como os crentes são libertos da lei. Ele utiliza o capítulo 7 para abordar um tema pelo qual é apaixonado e com o qual já havia se ocupado no livro de Gálatas, fazendo uma série de afirmações tão contraditórias à lei que deveriam ser muito desconcertantes à época e que ainda hoje surpreendem a qualquer leitor.

A perspectiva negativa de Paulo sobre a lei mosaica, nesses versos, o leva a agregar uma importante digressão, na qual descreve a origem divina e a bondade da lei, e discorre sobre a forma pela qual ela chega a ter um efeito negativo sobre a história da salvação (7:7-25) (CARSON et al., 2000, p. 29).

Nos seis primeiros versículos, Paulo organiza seus pensamentos em torno da noção de morte, utilizando o exemplo do matrimônio numa linguagem jurídica. De acordo com Barbaglio (1991, p. 227), apesar de o apóstolo recorrer de novo ao tema metafórico da morte do crente em Cristo, experimentada no batismo, ele ainda sente a necessidade de usar contrastes para explanar sua teologia. Isso fica claro no contraste do passado com o presente, apresentado nos versos 5-6.

Nos versos iniciais, é destacada a dupla antítese “velho-novo”, “letra-espírito”. Segundo García (1995, p. 432-433), esta última antítese sobretudo é interessante porque faz alusão à mensagem central do capítulo seguinte. A “novidade” apresentada caracteriza a oposição entre o presente de salvação e o passado de perdição. O passado se interpreta pela letra da lei mosaica. O presente está sob a ação do Espírito que cria constantemente a “novidade”. Percebe-se que existe uma intensa ligação entre os pólos, fazendo com que ambos se interpretem a si mesmos. Esses versículos são como que uma síntese das duas faces do cristão, passado e

presente. Eles esclarecem por que era necessário que Cristo libertasse os homens da lei, pois a lei desempenhava o papel de conduzir o homem à condenação do pecado, à morte.

Os dois trechos (7:7-12 e 7:13-25) põem em discussão a questão da lei. Ilustram, inicialmente, a dupla interpretação da lei como exigência da graça de Deus e como fator de desgraça na associação condenatória do pecado e da morte. Nesse ponto, Paulo faz outra digressão para esclarecer em que sentido vale a liberdade diante da lei. Contudo, sua exposição ultrapassa o sentido de uma digressão ocasional (KERTELGE, 1982, p. 130), pois insere um fragmento exortativo em que a operação conjunta entre a lei e o pecado, portadora de desgraça, ocasionadora da morte, conscientiza o crente da desesperadora situação de que foi liberto e de como deve ficar alerta para não trocar a liberdade agora conseguida, pela sujeição ao pecado e à lei (verso 13).

Os versículos 9-11 aprofundam a experiência do homem com a lei. Numa descrição “autobiográfica”, o apóstolo declara que chegou a reconhecer a gravidade do pecado, demonstrando ser ele uma forma de rebelião contra Deus. Nessa parte, a digressão de Paulo sobre a lei mosaica apresenta a vulnerabilidade dos seres humanos, pois o pecado pode usar a lei para provocar a morte (7:10-12). O apóstolo termina declarando que a lei, ainda que espiritual (verso 14), não pode libertar o povo de sua prisão de pecado e morte (7:21-25).

TERCEIRA SEÇÃO POSITIVA: CAPÍTULO 8

O capítulo 8, como uma exortação do apóstolo, só pode ser bem entendido à luz de sua mensagem de liberdade. Por essa razão, ele lembra a ação libertadora dos que foram libertos por Cristo e que agora caminham no Espírito. Em todas as suas cartas, Paulo evidencia o tema do Espírito Santo (BARCLAY, 1978, p. 178), contudo só havia sido feita uma menção do Espírito Santo no capítulo 7 (verso 6), “mas Ele ocupa

todo o capítulo 8” (BRUCE, 2001, p. 127), que descreve a vida vitoriosa e cheia de esperança usufruída por aqueles que não andam “segundo a carne, mas segundo o Espírito (8:4), aqueles “que estão em Cristo Jesus” (8:1).

O contraste essencial que Paulo apresenta aqui é entre a fragilidade da lei e o poder do Espírito (STOTT, 2000, p. 259). Ao pecado que habita na humanidade, e que é a razão pela qual a lei é incapaz de ajudá-la na luta moral (7:17, 20), Paulo contrapõe o Espírito que habita no homem e que, agora, além de libertá-lo “da lei do pecado e da morte” (8:2), é também a garantia da ressurreição e da eterna glória (8:11, 17, 23).

Hodge (1994, p. 247) declara que todo o capítulo 8 é uma “série de argumentos magnificamente organizados” em torno do tema da segurança dos filhos de Deus. Segundo Stott (2000, p. 260), o capítulo sob essa perspectiva é dividido em três partes. A primeira descreve as diferentes facetas do ministério do Espírito de Deus, que liberta, habita, santifica, guia, testifica e, finalmente, ressuscita os filhos de Deus (8:1-17). A segunda seção trata da glória futura dos filhos de Deus, retratada como uma libertação final da qual toda criação irá participar (18-27). E, em terceiro lugar, Paulo enfatiza o inabalável amor de Deus, que age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam e do qual não admite separação (28-39).

TERCEIRO CONJUNTO DE PARALELOS

Os paralelos de Romanos (8:1-13) baseiam-se mais na intrigante antítese carne-Espírito do que na categoria legal propriamente dita. De fato, esse tema domina toda a 1ª parte do capítulo, especialmente 8:4-13. Barbaglio (1991, p. 242) aponta alguns desses contrastes, que podem ser visualizados no quadro abaixo:

	Negativo	Positivo
8:4	Comportar-se de modo carnal	Comportar-se segundo o dinamismo do Espírito
8:5	Ter uma vida segundo a carne	Ter uma vida segundo o Espírito
8:5-6	Tender para o que é carnal	Tender para o que é espiritual
8:8-9	Estar sob o domínio da carne	Estar sob o domínio do Espírito
8:12	Ser devedor da carne	Ser devedor do Espírito
8:13	Viver de modo carnal	Viver de modo espiritual

Desconsiderando a matriz dualista platônica que, segundo Barbaglio (1991, p. 242-243) e García (1995, p. 434-435), era estrutural e constitutiva, no sentido de que o espírito (princípio imaterial) opunha-se à carne (realidade corpórea e material), a antítese paulina tem caráter dinâmico e existencial, e entende o homem como unidade psicofísica. Carne e espírito constituem dois dinamismos opostos, que orientam radicalmente toda a vida do ser humano. Com o termo “carne”, Paulo designa tudo o que há no homem pecaminoso em oposição a Deus. De maneira equivalente, o termo “espírito” designa tudo o que há no homem ligado ao divino, a força impulsora de toda ação verdadeiramente cristã. Assim, nesse sentido, “espírito” e “carne” se encontram em uma oposição irreduzível, não física, mas moralmente. Dessa forma, além dos paralelos destacados anteriormente, o contraste paulino entre espírito-carne pode ser organizado, de acordo com o texto, conforme o quadro seguinte:

Carne	Espírito
Os que inclinam para a carne cogitam das coisas carnis (v. 5)	Os que inclinam para o Espírito cogitam das coisas espirituais (v. 5)
O pendor (inclinação ou tendência) da carne leva à morte (v. 6)	O pendor do Espírito leva à vida e à paz (v. 6)

A humanidade se encontra em inimizade contra Deus (v. 7)	Os fiéis estão coligados com o Espírito (v. 9)
Os homens não possuem o Espírito e assim não pertencem a Cristo (v. 9)	Os homens são habitados por Cristo (v. 10)
O corpo está morto por causa do pecado (v. 10)	O espírito os vivifica por causa da justiça (v. 10)
Aqueles que vivem segundo a carne caminham para a morte (v. 12)	Aqueles que, pelo Espírito, matam os feitos da carne, caminham para a vida (v. 12)
Aqueles que andam segundo a carne são escravos, atemorizados (v. 14)	Os filhos andam segundo o Espírito e gozam intimidade com Deus (v. 14-16)

A CATEGORIA DISPENSACIONAL E ELETIVA

A quarta categoria se encontra em Rm 9:1-11:36. Ali, Paulo atenta para o grave problema da situação de Israel, recorrendo ao contraste da “miséria-salvação” (CARREZ; DORNIER, 1987, p. 161). Dentre todas as categorias apresentadas, a categoria eletiva é a que está organizada de maneira menos uniforme e dividida em menos opostos; as demais, apesar de terem duas seções distintas (positiva e negativa), sempre trazem dentro das explanações pequenas porções em oposição. Esta categoria, porém, está dividida em apenas dois opostos: a rejeição dos descendentes de Abraão e a eleição dos gentios, como herdeiros do reino pela fé.

As seções seguintes constituem um bloco literário homogêneo e compacto. Introduzidas por um trecho que exprime a ligação de Paulo com seu povo (9:1-5), desenvolvem o tema problemático do lugar que Israel ocupa no desígnio salvífico de Deus e terminam com um canto de louvor a Deus (11:33-36). Verifica-se que, nessa parte do livro de Romanos, são abordados temas que não são abordados no restante da carta: o repúdio (11:1,2), o endurecimento (11:7,25), a eleição (11:5, 7, 28) e a misericórdia (11:31).

Através dessas seções, o problema teológico de Israel entra na temática geral de Romanos. Que é explanado da forma paulina de argumentação, utilizando de perguntas e respostas, formulando objeções e opondo-lhes soluções que, com frequência, suscitam contra-objeções e exigem um “alargamento de perspectiva”, isso caracteriza essas perícopes paulinas com situações de problemas complexos, que requerem um grande empenho do apóstolo, mas que não o faz, em momento algum, camuflar as dificuldades e obstáculos das tensões. Barbaglio (1991, p. 261), caracteriza essa categoria como depositária de dados significativos, tais como: as frequentes citações do Antigo Testamento, a variedade de expressões introdutórias e diversos dados pessoais de interesse, diferenciado pelo uso reiterado da primeira pessoa.

QUARTA SEÇÃO NEGATIVA: 9:1-10:21

O trecho introdutório do capítulo 9 (1-5), apesar de estar repleto de outros significados, se destaca pelo ardor de Paulo diante da situação de Israel em relação à justiça de Deus. Confessa que a incredulidade dos judeus, além de lhe causar “grande tristeza e constante angústia”, o deixa em um estado de completa perplexidade. Paulo não entende como o povo escolhido por Deus, fora capaz de rejeitar o desígnio salvífico.

Paulo segue listando a série de privilégios que foram concedidos ao povo judeu, razão pela qual é grande a sua perturbação. Ele afirma que os judeus “são israelitas”, fazendo alusão ao nome dado pelo próprio Deus (Gn 32:28). Além disso, ele fala na “adoção” referindo-se à escolha deles como filhos de Deus e na “glória”, referindo-se à presença divina entre o povo. Menciona a “aliança” feita através de Abraão e que atenderia toda a sua descendência. Alude à “lei”, que havia sido promulgada no Sinai e ao “culto”, referindo-se ao tabernáculo de Deus. Relaciona “as promessas” com a atitude de Deus em cumprir sua promessa de um reino vindouro. Refere-se aos “patriarcas”, indicando seus pais como responsáveis pela

criação da nação; e, finalmente, “o Messias” (HUNTER, 1959, p. 104-105).

Paulo advoga, então, que é preciso entender que os filhos de Deus, ou seja, os verdadeiros israelitas, são de fato os filhos da promessa. Explica essa eleição através da história dos patriarcas, já que a descendência veio de Isaque, e também porque Deus escolheu Jacó antes mesmo do nascimento dele e de seu irmão. Isso significa que Deus, quando prometeu a Abraão que sua descendência seria uma bênção, não estava falando de toda a descendência, mas de uma seleta descendência, que Paulo chama de “os filhos da promessa”. Os filhos de Deus são os filhos que Ele elege, não são filhos por hereditariedade, mas por eleição (RAMOS, 2007, p. 2).

Paulo insiste em abordar o tema da redenção, dizendo que a misericórdia e a eleição divina são de exclusividade da soberania de Deus (9:20-21). Deus deu a uma nação historicamente definida as suas promessas, os patriarcas, os profetas, etc., mas, de fato, ainda que esta nação historicamente definida tenha recebido toda essa visitação divina, todas essas promessas e todos esses eventos, a aliança de Deus, de fato, é com os Seus eleitos.

A seção parece estar, de certa forma, estruturada por quatro perguntas e repostas implícitas e explícitas, organizadas em sequência: “a palavra de Deus falhou?” (9:6-13), “Deus é injusto?” (9:14-18), “por que Deus ainda nos culpa?” (9:19-29) e “que diremos, então?” (9:30-33). Em respostas a cada uma dessas questões, Paulo apresenta o processo da rejeição efetuada por Deus e a substituição dos descendentes sanguíneos de Israel pelo Israel espiritual. As razões apresentadas pelo apóstolo incluem terem buscado a lei para se justificarem (9:31), tropeçarem na “pedra de tropeço” (9:32) e atentarem para a justificação pelas obras, ao invés de para a justificação pela fé (10:3). A miséria de Israel veio pela separação de Cristo (9:1-10:21). Paulo resume o tema dessa seção

em seus últimos versos, nos quais ele apresenta o “assim diz o senhor” declarado a Davi, Moisés e Isaías (10:18-21).

QUARTA SEÇÃO POSITIVA: 11:1-36

Ao contrário do que parecia, Deus não abandonou seu povo. Nem os rejeitou completamente, o ministério de Paulo é exemplo disso (11:1-2). O que parecia ser afastamento definitivo é apenas uma situação provisória, pois a salvação de Israel é reintegrada em Cristo, de maneira muito mais ampla do que eles desejavam. Em favor de seu argumento, Paulo utiliza o exemplo de Elias e do povo remanescente. O objetivo de sua apresentação é aplicar ao remanescente a “graça” (11:5) como uma resposta divina, uma alternativa para a salvação de Israel, já que ele havia sido rejeitado.

Ao apresentar a “cegueira nacional” (HARRISON, 1972, p. 121), Paulo apresenta de que a rejeição de Israel não é total, no que diz respeito a eles, mas parcial, pois em tempo algum Israel deixou de ter o seu remanescente ou “eleitos” sempre estiveram sob a proteção divina (11:7-10). Apesar de a maioria ficar dominada por uma cegueira que provinha do seu pecado (11:8), problema de que já haviam sido avisados (11:9-10), essa rejeição não é fatal, no que concerne à salvação da humanidade (11:11-12), nem é final, no que diz respeito aos propósitos de Deus (11:13-32). Essa rejeição é benéfica pois, através dela, a salvação fora estendida de amplitude muito mais vasta aos gentios. A queda dos judeus trouxe definitivamente a salvação aos gentios (11:11).

Paulo continua descrevendo essa “boas novas” utilizando a ilustração de uma árvore nobre (11:17), a oliveira, que representa o povo de Deus, do qual alguns ramos foram quebrados pela incredulidade (os judeus endurecidos) e, em seu lugar, foram enxertadas outras provenientes de alguma árvore sem valor. Os gentios, antes de desprezar os judeus, deveriam aprender da experiência deles, a fim de não incorrerem no

mesmo erro (11:18-21). A perdição dos judeus não foi total, mas somente em parte, pois quando a pregação alcançar os confins da terra (11:25), “todo o Israel será salvo” (11:26). Ou seja, quando os judeus aceitam o Evangelho, participam da nova formação do povo de Deus, composto por judeus e gentios convertidos. Por fim, Paulo conclui essa seção apresentando a misericórdia de Deus para com todos os seres humanos e louvando a sabedoria divina (11:31, 33-36) (TREIYER, 1965, p. 147).

QUARTO CONJUNTO DE PARALELOS

Nessa categoria dispensacional e eletiva (Rm 9:1-11:36), através de um grande esforço, Paulo procura encontrar uma síntese entre a rejeição de Israel como povo de Deus, por um lado, e sua eleição, por outro lado, e “em nenhum outro lugar se expressa mais claramente a unidade plena de tensões dessa antítese do que em Rm 11:28-29” (RIDDERBOS, 1979, p. 466).

Um contraste entre duas classes de justiça prevalece nessa categoria: a justiça de Deus (10:3), disponível somente por meio da fé (9:30; 10:4, 6, 10) e a justiça própria (10:3), ligada à lei (9:31; 10:5) e às obras (9:32). Paulo desenvolve esse contraste em três passagens que, de certa maneira, formam paralelos (9:30-33; 10:1-4; 10:5-13). Em cada uma, Israel é acusado, em geral, por perder a justiça de Deus em Cristo, a única que pode salvar (10:1, 9, 10).

Ao final de uma argumentação em que as relações de superioridade dos judeus sobre as nações e, em seguida, das nações sobre Israel são colocadas radicalmente em questão, o conjunto 12-15 passa para uma abordagem nova na estrutura tensa de Romanos. A partir de Rm 12-15, existe uma ruptura clara pois, nos capítulos anteriores, Paulo se preocupou em fundamentar seu evangelho, fazendo dessa parte da epístola uma espécie de suma teológica. Contudo, separou o restante da Carta aos Romanos para argumentar em favor de atitudes que o cristão, judeu ou

gentio, deveria praticar. Sua preocupação, nessa parte, está em apresentar princípios éticos e práticos, um “apêndice de instruções homiléticas cristãs” (BLACK, 1989, p. 9).

Dentro dessas séries de exortações sobre a relação entre os membros de uma mesma recente comunidade (12:3-16), e dos diversos conselhos sobre a atitude a se tomar com respeito às pessoas de fora, inclusive diante do poder político (12:7-13:14), Paulo não deixa de acrescentar mais uma tensão temática, referente ao relacionamento entre “fortes” e os “fracos” (14:1-15:13).

CONCLUSÃO

Neste segundo artigo, enfatizou-se a tensão que Paulo estabelece, em sua epístola aos romanos, entre o negativo e o positivo. No terceiro e último artigo desta série serão apresentadas as tensões do negativo com o negativo e do positivo com o positivo. Assim, é possível observar a teologia de Paulo e descrevê-la em mais de uma dimensão, seja ela baseada no tema da universalidade da graça, da necessidade da fé ou da reconciliação, da morte e ressurreição de Cristo, das questões básicas de eleição e da lei, da unidade de Deus, do evangelho e também, categoricamente, vista pela visão judicial do tema da justificação pela fé ou do participacionismo com o tema da participação em Cristo. Isso é admissível porque Paulo era um teólogo dialético. Seu método de apresentar suas convicções teológicas é um método complexo, ambíguo e repleto de tensões, que permite mais de uma compreensão. Isso não faz dele um teólogo incoerente. Pelo contrário, isso demonstra sua capacidade de entrelaçar temas controvertidos de tal forma que sua abordagem seja rica e provocativa.

REFERÊNCIAS

AVERY-PECK, Alan J.; GREEN, William Scott; NEUSNER, Jacob. **The encyclopedia of judaism**. New York: Continuum International Publishing Group, 2000. v. 5.

- BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo**. São Paulo: Loyola, 1989.
- BARCLAY, William. **El pensamiento de San Pablo**. Buenos Aires: La Aurora, 1978.
- BARTH, Karl. **The epistle to the Romans**. Londres: Oxford University Press, 1968.
- BARTLETT, David L. **Romans**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1995.
- BORG, Marcus J. **Reading the Bible again for the first time**. San Francisco: Harper, 2001.
- BLACK, Matthew. **The new century Bible commentary: Romans**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989.
- BRUCE, F. F. **Romanos: introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004.
- CARREZ, Maurice; DORNIER, Pierre. **As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas**. São Paulo: Paulus, 1987.
- CARSON, D. A. et al. **Nuevo comentario bíblico: siglo XXI**. El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 2000.
- CRANFIELD, C. E. B. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- ERDMAN, Charles R. **Comentário de Romanos**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1925.
- FABRIS, Rinaldo. **Paulo: apóstolo dos gentios**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- GARCÍA, Miguel Salvador. Romanos. In: OPORTO, Santiago Guijarro; GARCÍA, Miguel Salvador (Orgs.). **Comentario al nuevo testamento**. Espanha: La Casa de la Biblia, 1995. p. 430-500.
- HABERSHON, Ada. **Manual de tipologia bíblica: como reconhecer e interpretar símbolos, tipos e alegorias das escrituras sagradas**. São Paulo: Vida, 2003.
- HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**.

Rio de Janeiro: JUERP, 1989.

HARRISON, Norman B. **Romanos**: evangelho da salvação, comentário sobre a epístola de Paulo aos Romanos. Rio de Janeiro: EPREVAN, 1972.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: Romanos. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HODGE, Charles. **Commentary on the epistle to the Romans**. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

HUNTER, A. **La epístola a los Romanos**: introducción y comentario. Buenos Aires: Editorial la Aurora, 1959.

JEWETT, Robert. Theology in conflict: studies in Paul's understanding of God in Romans. **Trinity Journal**. Springfield, Illinois, v. 4, p. 109-111, 1983.

KERTELGE, Karl. **A epístola aos Romanos**. Coleção Novo Testamento. Petrópolis: Vozes, 1982. v. 6.

KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese teológica do Novo Testamento**: de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João. São Paulo: Teológica, 2003.

MANSON, T. W. **Cristo en la teologia de Pablo y Juan**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento**: diversos testemunhos, um só evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MEYER, F. B. **Comentário bíblico**. Belo Horizonte: Betânia, 2002.

MOODY, Dale. Romanos. In: ALLEN, Clifton J (Ed.). **Comentário bíblico Broadman**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. p. 1-64.

MULLER, Richard A. **The study of theology**: from biblical interpretation to contemporary formulation. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

NEWELL, William R. **Romans**: verse-by-verse. Grand Rapids, MI: Kregel, 1994.

NYGREN, Anders. **La epístola a los Romanos**. Buenos Aires: La Aurora, 1969.

PERROT, Charles. **Epístola aos Romanos**. Coleção Cadernos Bíblicos. São Paulo: Paulinas, 1993. v. 57.

PILCH, John J. Romanos. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Orgs.). **Comentário bíblico**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 177-192.

QUINTANILLA, Miguel A. **Breve dicionário filosófico**. Aparecida, SP: Santuário, 1996.

RAMOS, Ariovaldo. **Carta de Paulo aos Romanos**. São Paulo, 2007. Disponível em: <[http:// www.ibab.com.br/guiasdeestudo/romanos-09.pdf](http://www.ibab.com.br/guiasdeestudo/romanos-09.pdf)>. Acesso em: 08 de outubro de 2008.

RIDDERBOS, Herman. **El pensamiento del apóstol Pablo**. Buenos Aires: Certeza e Escaton, 1979. v. 1.

SHEDD, Russell P. **A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

STERN, David H. **Comentário judaico do Novo Testamento**. São Paulo: Atos, 2008.

STOTT, John R. W. **Romanos**. São Paulo: ABU, 2000.

TREIYER, Humberto Raul. **Epistolas del Nuevo Testamento**. Libertador San Martín, ER: Editorial S. E. M., 1965.

VIDAL, Senen. **Las cartas originales de Pablo**. Madrid: Trotta, 1996.